

Prefácio desta versão (para ser lido primeiro!)

A obra de John Owen *Grace and Duty of Being Spiritually Minded Declared and Practically Improved* (A graça e o dever de pensar espiritualmente declarados e melhorados de maneira prática) foi publicada pela primeira vez em 1681. Em seu prefácio, Owen escreveu: “Penso que é necessário oferecer ao leitor um breve relato da natureza e do propósito do singelo discurso subsequente, o qual pode tanto conduzi-lo na leitura quanto ser uma desculpa da minha parte por publicá-lo. Portanto, ele pode ficar sabendo que os pensamentos aqui comunicados foram originalmente meditações para meu uso pessoal num período em que eu era totalmente incapaz de fazer qualquer coisa para a edificação de outros e estava longe de esperar que algum dia fosse capaz de fazer mais alguma coisa neste mundo. Recebendo, como entendi, algum benefício e satisfação no exercício das minhas meditações pessoais nesse tempo, quando a

Deus aprovou bondosamente restaurar-me alguma força persisti no mesmo assunto na instrução de uma congregação privada”. (Owen estivera gravemente enfermo, e achava que ia morrer.)

PENSANDO ESPIRITUALMENTE

Não era intenção de Owen insinuar que os cristãos não devessem pensar nas coisas que se pode desfrutar legitimamente nesta vida, ou que não devessem desfrutá-las. Contudo, ele se preocupava profundamente com que nenhuma dessas coisas dominasse tanto a mente dos crentes que não houvesse neles nenhum desejo nem gozo das coisas espirituais.

Owen se inquietava com a falta de comprometimento cristão e com a imaturidade espiritual de muitos que se declaravam crentes em seu tempo. Ele escreveu: “Parte da obra do discurso que se segue é chamar os homens (e não somente os homens – Editor [orig.]) para se libertarem dessa má estrutura de coração e mente, expor-lhes o pecado e o perigo dele, conduzi-los por caminhos e meios pelos quais isto pode ser efetuado, suprir seus pensamentos de objetos melhores, revelar para eles e impor-lhes aquele exercício desses meios que se requer indispensavelmente de todo os crentes, se é que eles têm por objetivo a vida e a paz”.

Assim seja!
John Appleby

PRIMEIRA PARTE

A NATUREZA DA MENTALIDADE ESPIRITUAL

1

Explicação de Romanos 8.6

“Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz” (ARC) ou

“A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz” (NVI).

Vida... paz... morte! Quem não escolheria a vida e a paz? No entanto, estas coisas, diz Paulo, só resultam de a pessoa ter mentalidade espiritual. Não ter tal mentalidade é equivalente à morte. Paulo não admite uma terceira possibilidade. O que é, então, inclinação, pensamento ou mentalidade espiritual? O que se quer dizer com vida e paz? Como poderemos saber se temos uma mentalidade espiritual ou não? São essas as questões que pretendo examinar neste livro.

Não são questões simples, pois muitas vezes podemos ter consciência *tanto* da mentalidade espiritual *quanto* da mentalidade carnal ao mesmo tempo. Os

cristãos sempre estão e estarão cômicos dos conflitos entre ambas (Gálatas 5.17). Como podemos dizer que tipo de mentalidade nós temos realmente? Como podemos nos certificar de que não estamos nos enganando? Sermos controlados pela mentalidade terrena significa que não podemos agradar a Deus (Romanos 8.8) e que, portanto, morreremos (Romanos 8.13). Temos aí um triste contraste em oposição à vida e à paz!

O que é que Paulo quer dizer com mentalidade espiritual? A palavra “espírito” nas Escrituras pode significar ou “o Espírito Santo” (como em Romanos 8.9) ou “a nova vida espiritual produzida no crente pelo Espírito Santo” (como em João 3.6). Sugiro que com a expressão “mentalidade espiritual” Paulo aqui esteja se referindo à “atividade desta nova vida espiritual no crente”.

Esta nova vida espiritual leva o crente a pensar nas coisas espirituais e a ter prazer nelas, algo que jamais foi um hábito antes da conversão! Os incrédulos só amam as coisas desta terra, mas os crentes agora dão a mais alta prioridade ao amor pelas coisas de Deus.

Podemos definir o pensamento ou a mentalidade espiritual como consistindo de três coisas: a mente sempre dirigindo ativamente os pensamentos às coisas espirituais; um crescente amor pelas coisas espirituais; um real sentimento de satisfação experimentado pelo crente, sentimento que é produzido por coisas espirituais.

No versículo em consideração, Paulo sustenta a tese de que esta mentalidade espiritual é a principal marca distintiva do crente, e de que somente isso leva à vida e à paz. Por conseguinte, quão vitalmente importante é esta mentalidade!

Examinar abreviadamente o que significa ter mentalidade terrena pode ajudar. Assim, poderemos apreciar melhor o valor da mentalidade espiritual. Por exemplo, quando as pessoas têm mentalidade terrena, o amor pelas coisas terrenas domina a mente delas. Falta-lhes o amor pelas coisas espirituais. Mesmo com os cristãos às vezes pode acontecer que amem demais as coisas deste mundo. Então a sua vida espiritual fica enferma. Eles não terão a paz que a vida espiritual sadia produz. Algumas pessoas sabem algo sobre as coisas espirituais; porém, não conseguem se impulsionar a buscá-las. Em todos estes exemplos se vê que a mentalidade terrena é inimiga da mentalidade espiritual.

Meu parecer é, pois, que aqueles que não têm desejo de alcançar o nível de mentalidade espiritual mais alto possível e se contentam com menos, não dão prova de que são verdadeiros crentes.

Pode ser que elas tenham vida espiritual, mas não têm a paz de Deus. Pode ser que até estejam se enganando e que não sejam possuidoras de nenhuma vida espiritual.